

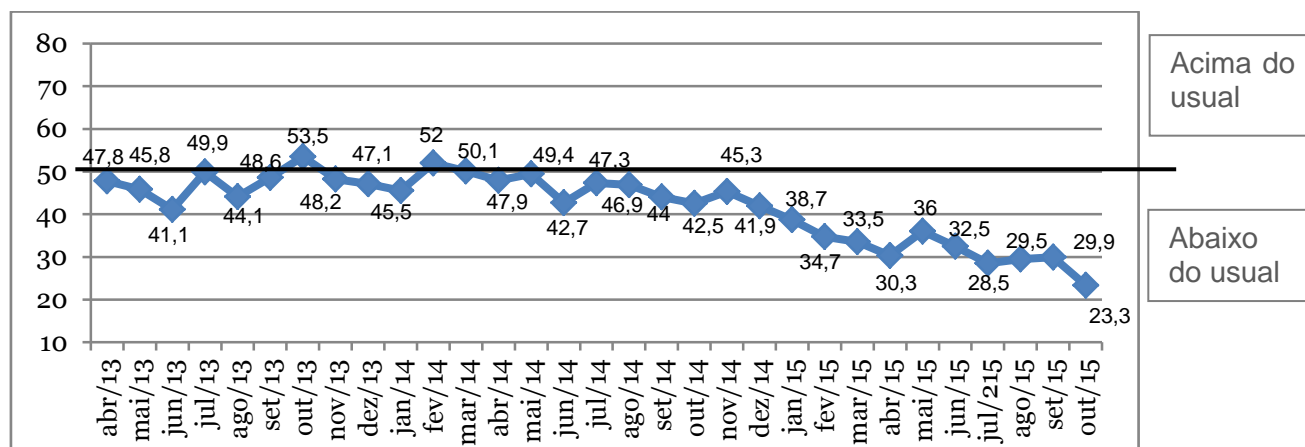
Liquidez restrita prejudica as empresas de menor dimensão

Visão Geral

A pesquisa realizada pela FIESC junto com a CNI entrevistou 32 empresas, sendo 11 de pequeno porte, 16 médias e 5 grandes. Destas, 14 são da construção, 10 de obras de infraestrutura e 8 de prestação de serviços.

O nível de atividade da indústria da construção em outubro caiu mais de 7 pontos e atingiu 34,2 contra 41,9 em setembro. Em relação ao usual para o período, de 29,9 pontos, em setembro, recuou para 23,3 em outubro. A comparação da pesquisa é centralizada em 50 pontos que correspondem a linha divisória. Acima de 50 o nível de atividade é considerado positivo e abaixo negativo.

Nível de atividade em relação ao usual (pontos)



Fonte: FIESC e CNI

Em outubro, caiu o nível do número de empregados, 35,4 comparado com setembro (40,7 pontos). Para os próximos seis meses, a projeção do nível de atividades ficou estável, a compra de insumos e matérias-primas teve ligeiro aumento, 38,1 contra 36,5 em setembro, os novos empreendimentos e serviços aumentaram, também, com pouca expressão de 33,3 em setembro para 34,9 em outubro e o mesmo ocorreu com o número de empregados para os próximos seis meses que aumentou de 31,8 em setembro para o índice de 34,9 em outubro.

Percebe-se que são indicadores, timidamente, positivos e muito distantes da realidade média de 50 pontos, quando o ideal é um resultado que supere com larga margem a linha média, possibilidade distante da realidade atual e do futuro próximo.

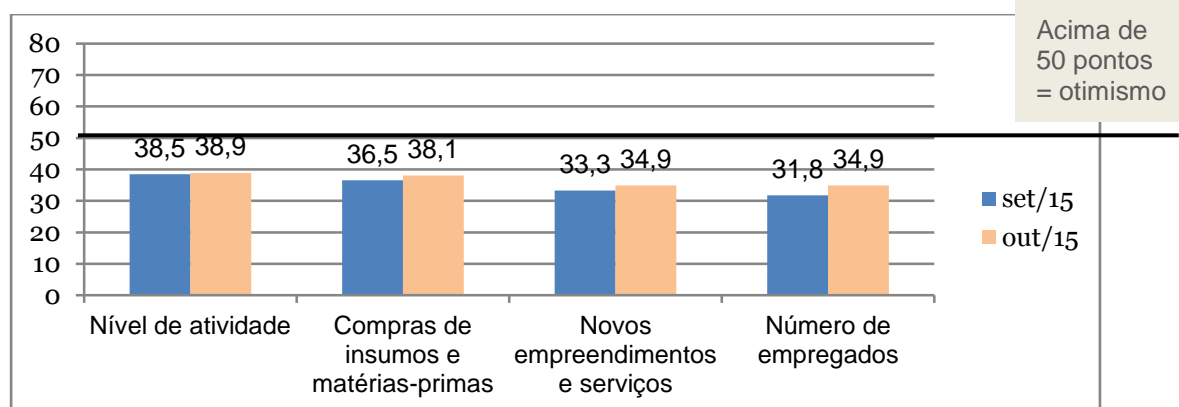
Quanto à utilização da capacidade de operação, UCO, dá bem uma ideia do momento atual. A UCO (56%) ficou bem abaixo do que ocorreu nos dois meses anteriores e que já era baixa, ou seja, (61%).

Utilização da Capacidade de Operação (UCO) das indústrias da Construção Civil de Santa Catarina setembro e outubro de 2015



Fonte: FIESC e CNI

Expectativas para os próximos seis meses (pontos)



Fonte: FIESC e CNI

Visão empresarial

Embora a projeção para os próximos seis meses indique alguma evolução, mantendo coerência com os mesmos indicadores colhidos mês passado, a confiança empresarial reduz a expectativa para o futuro. O setor amarga uma forte contração e a perspectiva futura é contida em função das dificuldades de operação consubstanciadas pelo cenário econômico restrito.

Há restrição da demanda face ao desemprego e a dificuldade de crédito que restringe os lançamentos. Empresários do setor da construção civil em Santa Catarina afirmam que os lançamentos são risco certo e o melhor a fazer no momento é esperar uma sinalização de melhoria de liquidez e, principalmente, de segurança jurídica. Os saques da caderneta de poupança indicam dificuldade da população em fazer frente ao orçamento e desestimulam os novos empreendimentos.

Há necessidade de ajustes nos custos empresariais e as demissões ocorrem como decorrência natural do encolhimento do mercado. A esperada queda do PIB em 2015 e 2016 impactam, negativamente, as perspectivas futuras. A avaliação do mercado é que, na melhor das hipóteses, o setor retomará a expansão em 2017.

As empresas encaram um cenário em que a desistência dos proprietários em continuar a honrar os pagamentos financiados traz um cenário ainda mais difícil de restrição de liquidez. Possibilidades de financiamento sem burocracia e irrigação da economia com valores passíveis de captação, como a liberação de parte do depósito compulsório dos bancos mantidos no Banco Central, podem representar um alento para a indústria nacional.

Resumo

Conforme salientamos na sondagem de setembro, a situação do setor reflete a desorganização da atividade econômica de forma geral. Os indicadores colhidos em outubro apontam para uma situação empresarial de liquidez restrita com efeitos mais visíveis nas empresas de menor dimensão.

Há dificuldades de financiamento por parte das empresas do setor, o crédito é seletivo e os altos juros desestimulam a captação de recursos. O setor não pode mais conviver com um cenário de liquidez restrita e com juros proibitivos.

A queda da demanda, o desemprego, os saques nas cadernetas de poupança, a alta e complexa carga tributária e a baixa qualificação do pessoal deixam o setor desguarnecido e à espera de uma solução estrutural que só pode partir das reformas necessárias e indispensáveis ao futuro do país.

O custo social e econômico para o Brasil é muito grande. Não pode ser esquecido que grande parte dos trabalhadores da construção civil é capacitada no próprio canteiro de obras. O desemprego é perda que tende a aumentar o custo para as empresas quando houver o retorno normal das atividades porque a grande parte desses trabalhadores da construção civil já terá migrado para outros setores.

Investir em processos tecnologicamente de ponta para redução de custos e ganho de produtividade está na pauta das empresas melhor estruturadas. As de menor dimensão, porém, devem amargar um período maior de desajustes e restrição de liquidez, tanto pela queda de demanda, como pela dificuldade de acesso ao crédito bancário.

PTG Consultoria – 22/11/15